
GOLDENBERG, Mirian. *Infidel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006. 364 p.

Débora Krischke Leitão

Universidade Estadual de Londrina – Brasil

Numa grande rede de livrarias, pergunto à vendedora pelo último livro de Mirian Goldenberg. Ela vai até a estante e retorna com um exemplar do livro de capa vermelha. Estendo a mão para pegar. Ela desvia de mim, entrega-o para sua colega de trabalho:

– Menina, temos que ler é pra já.

– Opa! *Infidel*, que livro é esse?!

Duas outras vendedoras chegam. Folheiam e examinam o livro entre risotas e olhares. Lá pelas tantas se lembram de mim:

– Ah, é pra ela o livro.

– É, quero dar uma olhada.

– Sobre isso, quem não quer?

Para os leitores assíduos de Mirian Goldenberg, *Infidel* é a retomada bem costurada de discussões que a autora vem produzindo ao longo de 20 anos de pesquisa e escrita. É possível ali identificar a contribuição de cada um de seus livros anteriores.¹ Para o neófito, ainda que provoque o desejo de conhecer melhor sua extensa produção bibliográfica, trata-se de uma obra completa e de acabamento impecável.

Quais expectativas homens e mulheres depositam no casamento? A fidelidade é um princípio que guia os arranjos conjugais contemporâneos? A infidelidade masculina é fruto de um desequilíbrio demográfico, de uma “natureza” intrínseca, de uma dupla moralidade machista? As mulheres traem tanto quanto

¹ Como, por exemplo, *A Outra: um Estudo Antropológico sobre a Identidade da Amante do Homem Casado* (1990), *Ser Homem, ser Mulher: Dentro e Fora do Casamento* (1991), *Toda Mulher é meio Leila Diniz* (1995) e *De Perto Ninguém é Normal: Estudos Sobre Corpo, Sexualidade, Gênero e Desvio na Cultura Brasileira* (2004).

os homens? O estigma recai sobre quem trai ou sobre quem é traído? Com algumas questões semelhantes, *Infidel* nos ajuda a compreender as relações de gênero no país, além de demonstrar a importância que os brasileiros dão ao tema da (in)fidelidade.

Conhecemos no livro esposas e maridos (in)fiéis, esposas e maridos traídos, esposas que também são a Outra, Outras que se consideram as verdadeiras esposas, homens que se dizem monogâmicos, homens que se classificam como poligâmicos, homens que são extremamente fiéis a suas Outras, mulheres frágeis e fortes a um só tempo, mulheres que lutam contra a passagem do tempo, e algumas que realmente têm o tal borogodó.²

Além dos dados de suas pesquisas, Goldenberg traz-nos notas da imprensa sobre seus próprios trabalhos (e repercussão deles, por vezes curiosa). A autora também recheia o livro com discussões midiáticas sobre fidelidade e infidelidade, que vão da “vida real” de brasileiros comuns até os *affairs* (de) Bill Clinton, Príncipe Charles e Chico Buarque.

Tudo isso tendo como fio condutor a trama narrada pela tão humana e por vezes misteriosa Mônica, uma entrevistada que, como muitas mulheres, aborda a antropóloga depois de ouvir suas palestras ou ler seus livros, querendo contar-lhe sua própria história. Histórias sobre as quais, sendo nossas ou alheias, todos temos sempre o que contar. E, tomando como exemplo a reação esboçada pelas vendedoras da livraria, histórias e temáticas sobre as quais todos querem ler ou ouvir falar. Por seu conteúdo, que desperta interesse de um variado público leitor, e por sua forma, que torna a leitura prazerosa como a de um bom romance, *Infidel* certamente será lido por antropólogos e por não-antropólogos.

Para o leitor que não é antropólogo, graças à escrita leve e agradável, o livro contribuirá para a difusão das reflexões contemporâneas sobre as relações de gênero no Brasil, sobre os arranjos conjugais, sobre corpo, emoções e sexualidade. Igualmente, levará adiante, e para fora das fronteiras acadêmicas, todo o *corpus* teórico que a autora expõe – Mauss, Bourdieu, Becker, Clastres, Simmel, Freyre, Goffman, entre outros tantos. Citando e discutindo tais autores, amalgamados a seus dados empíricos, mas sem perder a delicadeza da escrita, Goldenberg os aproxima de um grande número de leitores não especializados.

² Atrativo, qualidade, magnetismo pessoal que, nos relatos trazidos no livro, dizem menos respeito à aparência física do que ao modo – seguro, confiante, independente – de ser e agir.

Essa virtude, presente noutros livros de Goldenberg, mas especialmente potencializada nesse, é apontada pela entrevistada Mônica no seguinte trecho de *Infiel*:

Eu já li alguns dos seus livros e também gosto da forma como você escreve. Não sei se é preconceito, mas não consigo ler a maior parte dos livros acadêmicos brasileiros. Uns são muito mal escritos, outros são tão pedantes que me sinto uma idiota tentando compreender o que querem dizer. (p. 49).

O livro também tem o mérito de levar para fora das fronteiras acadêmicas, tanto nas descrições a respeito de seus procedimentos de pesquisa quanto pelos trechos em que relata um pouco de seu cotidiano, certas particularidades do ofício do antropólogo. Contando ao leitor sobre momentos de sua vida, suas pesquisas, palestras, entrevistas, preparação de aulas, noites de insônia e escrita, Goldenberg humaniza essa exótica – e por vezes desconhecida – personagem urbana cujo trabalho

[...] apresenta um curioso paradoxo. O público o percebe como um curioso passatempo de explorador erudito [...] mas nosso universo familiar é menos a estepe, a selva ou os desertos do que a sala de aula e o combate noturno com a folha de papel em branco [...]. (Descola, 1993, p. 34, tradução minha).

Para o leitor especializado, sua contribuição é ainda maior. Além de trazer os resultados de pesquisas, argumentos e propostas analíticas da autora, *Infiel* deixa, indiretamente, boas pistas para pensar sobre nosso próprio exercício profissional e sobre as escolhas que fazemos a respeito da divulgação de nossas produções. Ainda que não seja seu principal objetivo, *Infiel* traz em si valiosas provocações sobre a possibilidade – ou necessidade – de levarmos nossas contribuições também para leitores extramuros.

Referência

DESCOLA, Phillipe. *Les lances du crépuscule*. Paris: Plon, 1993.